

## Juventude negra viva e potente.

Olga Guimarães Grichtchouk

Doutoranda do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, UFRJ.

[http://146.164.63.47/alexandria\\_wp/artigos/](http://146.164.63.47/alexandria_wp/artigos/)

Publicado em 19 de novembro de 2020.

Em celebração ao Dia da Consciência Negra, Olga Grichtchouk escreve sobre o impacto das experiências vividas durante a infância e a adolescência no desenvolvimento do cérebro e na formação do indivíduo e cidadão adulto. Nesta perspectiva, a experiência vivida por jovens negros no Brasil traz uma projeção desoladora. Negros são desproporcionalmente atingidos por violência, maus-tratos e preconceitos. São descaracterizados por estereótipos promovidos pela sociedade e mídia. São especialmente privados de sua liberdade em sistemas socioeducativos. Esse artigo nos aponta para possíveis e prováveis consequências fisiológicas e neurológicas para esses jovens, que formam uma porção vibrante e potente de nossa sociedade.

*“Quando eu era criança fui chamada de cabelo duro e macaca na escola. Eu não gostava da minha cor. Fui crescendo e meus pais me falando para ter orgulho da minha cor e de quem eu sou, então, hoje em dia, amo minha cor e meu cabelo. Quero ser modelo, cantora ou veterinária. Quero que o mundo seja paz e amor.”*

(17 anos)

*“Na rua, quando a gente vende doce, as pessoas cometem o racismo de uma forma diferente. Ao entrar numa loja, eles já te barram, porque eles pensam que todo jovem negro vai entrar pra roubar. Eles não pensam que a gente trabalha, não pensam que a gente pode ter um pouquinho pra comprar o que a gente quer. Eles não pensam que a gente passa o mês todo de novembro trabalhando pra comprar nossa roupa de natal, e quando a gente entra numa loja eles já pensam que a gente vai roubar. Eu simplesmente fico aborrecida. Eu tenho a pele mais clara, mas me considero negra. Minha mãe é, meu tio é, toda minha família é negra e tenho orgulho de ser.”*

(17 anos)

*“Lá na “cadeia” (Degase) tinha mais preto do que branco. O meu objetivo pro meu futuro é montar minha vida através do meu suor, através da minha correria.”*

(18 anos)

*“Ela (minha filha) vai ser minha companhia e eu “tô” doida que ela nasça logo, “tô” doida para ver o rostinho dela... Ela vai ser uma negra muito bonita e importante, e nunca quero perdê-la. Eu acho minha cor muito bonita. Uma mulher já me falou que minha cor é muito especial. Se um dia quando alguém falar da minha cor, falar “você é uma preta suja”, apenas vou entregar na mão de Deus.”*

(17 anos, gestante)

Estes são relatos de jovens da cidade do Rio de Janeiro, que possuem em comum raça, status socioeconômico, corações gigantes e um desejo potente de futuro. Em um país de maioria negra, ainda permitimos que famílias se desenvolvam na pobreza, crianças e adolescentes negros trabalhem nas ruas e sejam expostos a violências e preconceitos, e que, muitos desses adolescentes, sejam privados de oportunidades. A seguir, conversaremos sobre a importância da adolescência na construção da nossa visão de mundo e, depois, refletiremos sobre a vivência da juventude negra no Brasil.

### **Por que precisamos nos importar com os adolescentes?**

A adolescência, vista por muitos como apenas uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, é um período de grande importância para o cérebro, o corpo e a sociedade. Durante nosso desenvolvimento, o sistema nervoso possui maior sensibilidade em passar por mudanças na sua estrutura e funcionalidade. Este período de maior sensibilidade do sistema nervoso é bastante maleável e não tem idade definida<sup>1</sup>. Isto quer dizer que cada um tem seu tempo para crescer, aprender e amadurecer no mundo. Na adolescência, há modificações no volume das massas cinzenta e branca do cérebro<sup>1</sup>. A massa cinzenta é composta por corpos celulares dos neurônios, e a massa branca é constituída por axônios e células da glia responsáveis pela mielinização - um processo de revestimento do axônio que faz com que o sinal elétrico seja conduzido mais rapidamente. Na infância, nosso cérebro forma muitas conexões entre neurônios. Estamos sentindo e experimentando o mundo pela primeira vez, então nosso cérebro tenta captar toda essa experiência. Na adolescência temos uma crescente mielinização dos neurônios, aumentando nosso volume de massa branca durante este período<sup>2</sup>. Porém, durante a adolescência, essas conexões neuronais, chamadas de sinapses, passam por um refinamento, ou seja, as conexões mais frequentes são mantidas, enquanto as conexões obsoletas são excluídas; assim, esse refinamento sináptico acontece com uma diminuição natural da nossa massa cinzenta<sup>1,3</sup>. É como se nosso cérebro estivesse decidindo amadurecer para executar as tarefas mais importantes. Essas e outras mudanças cerebrais são acompanhadas por um aumento da capacidade de memória, aprendizado, tomada de decisão e solução de problemas<sup>3</sup>.

Também é na adolescência que passamos pelo processo de construção da nossa identidade<sup>3</sup>. Se você é adolescente, deve estar agora descobrindo músicas, filmes, comidas, eventos e pessoas com os quais você se identifica ou não. Provavelmente você passa por questionamentos sobre quem você é e qual é seu papel nessa vida. Às vezes dá vontade de

pegar uma mochila e viajar pelo mundo para se encontrar, não é? Se você é adulto (a) deve estar reconhecendo que já passou por isso, e talvez ainda passe. Nesta fase somos altamente motivados a agir, por isso diz-se que adolescente sempre se mete em encrenca. Somos exploradores natos do mundo externo e do mundo interno. Quer dizer que compreendemos melhor o ambiente e temos mais habilidade para nos adaptar a diferentes contextos sociais. É por isso que as mudanças de linguagem e comportamento na sociedade são iniciadas e manifestadas pela juventude.

### **O que acontece quando maltratamos crianças e adolescentes?**

Maus-tratos infantis produzem alterações fisiológicas e neurológicas na infância e adolescência, podendo persistir na idade adulta. Exposição a eventos estressantes podem levar a maior reatividade emocional, o que quer dizer que a pessoa reage com mais intensidade aos estímulos ambientais que ela julga serem ameaçadores. Viver em constante estado de ameaça é aterrorizante e desgastante, o que pode explicar o maior risco de desenvolvimento de transtornos psiquiátricos, como ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático<sup>4,5,6</sup>. A exposição precoce ao estresse também está associada a déficits cognitivos, como déficits na memória e atenção, tendo grande chance de prejudicar a performance escolar<sup>7</sup>. É importante que educadores fiquem atentos ao bem-estar e à saúde dos educandos.

Como vimos no tópico anterior, na adolescência nosso cérebro ainda está se moldando ao mundo, então passar por períodos de estresse pode induzir alterações no desenvolvimento cerebral. Estudos mostram que crianças e adolescentes com transtorno de estresse pós-traumático relacionado a maus-tratos desenvolveram redução no volume cerebral total<sup>8</sup> e alterações na conectividade cerebral<sup>9</sup>. A redução do volume do corpo caloso é o resultado que se observa ser mais consistente através dos estudos<sup>9</sup>. O corpo caloso é a estrutura que conecta os dois lados do cérebro, então sua redução leva a uma menor integração entre os dois hemisférios cerebrais e gera alterações na percepção e compreensão.

Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública<sup>10</sup>, em 2019, 57,9% das vítimas de estupro tinham no máximo 13 anos. Das violências contra crianças e adolescentes, 75% foram cometidas contra negros e 91% das vítimas eram do sexo masculino. Ainda segundo o Anuário, 74,4% das vítimas de violência letal no Brasil eram negros, e 51,6% eram jovens de até 29 anos. Jovens negros pobres também compõem a maioria no sistema socioeducativo.

### **Quem são os “menores infratores”?**

Pesquisas em sistemas socioeducativos no Brasil são bastante escassas, principalmente em relação à saúde mental. Aqui, iremos focar no perfil dos adolescentes privados de liberdade no estado do Rio de Janeiro, onde há casos frequentes de superlotação. Pesquisa realizada em 2016 pela Universidade Federal Fluminense (UFF) em conjunto com o DEGASE (Departamento Geral de Ações Socioeducativas)<sup>11</sup> relata que 76,2% dos jovens

apreendidos eram negros, 96,7% eram do sexo masculino, e 81,1% tinham entre 16 e 18 anos. No momento de sua apreensão, 74% não estavam estudando. Praticamente 30% relataram ter sofrido violência por um de seus responsáveis e 86% relataram ter sofrido violência policial. A vivência dos jovens, infelizmente, pode ser marcada por violências e falhas nas garantias de seus direitos.

Ainda segundo a mesma pesquisa, 78,82% dos atos infracionais por estes adolescentes não envolvem grave ameaça, sendo de menor potencial ofensivo. Se for aprovada a redução da maioria penal de 18 anos para 16 anos (PEC 171/93), tema bastante discutido no meio político, na mídia e na sociedade civil, adolescentes de 16 a 18 anos seriam julgados pelo sistema penal e encaminhados a prisões. Vemos constantemente adolescentes negros periféricos aparecendo nos noticiários apenas em casos criminosos, sendo retratados como bandidos e delinquentes. O reforço deste estereótipo faz com que passemos a enxergar estas pessoas como criminosas em sua essência, como se carregassem o crime em sua alma e fossem irrecuperáveis. Assim, o abuso contra o sujeito e/ou sua morte passam a ser desejados<sup>12</sup>. A vivência destes jovens, então, é cada vez mais marginalizada e suas aspirações são apagadas. Diz Silvio Almeida, ativista das causas negras, filósofo e professor universitário, sobre a dominação dentro do Estado,

O estado de sítio, longe de ser exceção, será a regra, e o inimigo, aquele que deve ser eliminado, será criado não apenas pelas políticas estatais de segurança pública, mas pelos meios de comunicação de massa e os programas de televisão. Tais programas servirão como meio de constituir a subjetividade adaptada ao ambiente necropolítico em que impera o medo.

O racismo, mais uma vez, permite a conformação das almas, mesmo as mais nobres da sociedade, à extrema violência a que populações inteiras são submetidas, que se naturalize a morte de crianças por “balas perdidas”, que se conviva com áreas inteiras sem saneamento básico, sem sistema educacional ou de saúde, que se exterminem milhares de jovens negros por ano no que vem sendo denunciado há anos pelo movimento negro como genocídio.<sup>13</sup>

Os adolescentes estão em processo de desenvolvimento de seu corpo e sua mente. Como sociedade civil, devemos reconhecer nosso dever na proteção da garantia dos direitos das crianças e adolescentes. A abertura à aproximação, construção de vínculo e aprendizado com os variados saberes dos jovens, especialmente dos jovens negros precarizados socialmente, também é uma forma de proteção à vida. A juventude negra, oriunda das mais diversas realidades sociais, é criativa, potente e revolucionária.

*Para denunciar qualquer tipo de abuso contra crianças e adolescentes, é possível ligar para 100 (Disque Direitos Humanos) ou buscar unidades de saúde, a delegacia especializada em criança e adolescente, o Conselho Tutelar ou Centros de Referência de Assistência Social (CREAS).*

## Referências:

- <sup>1</sup> Fuhrmann, D., Knoll, L. J., & Blakemore, S. J. (2015). Adolescence as a Sensitive Period of Brain Development. *Trends in Cognitive Sciences*, 19(10), 558–566.
- <sup>2</sup> Paus, T. (2010). Growth of white matter in the adolescent brain: Myelin or axon? *Brain and Cognition*, 72(1), 26–35.
- <sup>3</sup> Dahl, R. E., Allen, N. B., Wilbrecht, L., & Suleiman, A. B. (2018). Importance of investing in adolescence from a developmental science perspective. *Nature*, 554(7693), 441–450.
- <sup>4</sup> Li, M., D’Arcy, C., & Meng, X. (2016). Maltreatment in childhood substantially increases the risk of adult depression and anxiety in prospective cohort studies: Systematic review, meta-analysis, and proportional attributable fractions. *Psychological Medicine*, 46(4), 717–730.
- <sup>5</sup> Widom, C. S. (1999). Posttraumatic stress disorder in abused and neglected children grown up. *American Journal of Psychiatry*, 156(8), 1223–1229.
- <sup>6</sup> Grassi-Oliveira, R., & Stein, L. M. (2008). Childhood maltreatment associated with PTSD and emotional distress in low-income adults: The burden of neglect. *Child Abuse and Neglect*, 32(12), 1089–1094.
- <sup>7</sup> Slade, E. P., & Wissow, L. S. (2007). The influence of childhood maltreatment on adolescents’ academic performance. *Economics of Education Review*, 26(5), 604–614.
- <sup>8</sup> De Bellis, M. D., Keshavan, M. S., Clark, D. B., Casey, B. J., Giedd, J. N., Boring, A. M., Frustaci, K., and Ryan, N. D. (1999). Developmental Traumatology Part II: Brain Development. *Society of Biological Psychiatry*, 45, 1271–1284.
- <sup>9</sup> Teicher, M. H., Samson, J. A., Anderson, C. M., & Ohashi, K. (2016). The effects of childhood maltreatment on brain structure, function and connectivity. *Nature Reviews Neuroscience*, 17(10), 652–666.
- <sup>10</sup> Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2020). Anuário Brasileiro de Segurança Pública.
- <sup>11</sup> Mendes, C. L. S.; Julião, E. F. (2018) Trajetória de vida de jovens em situação de privação de liberdade no Sistema Socioeducativo no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Degase.
- <sup>12</sup> Misse, M. (2010). Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. *Lua Nova*, São Paulo, 79: 15-38.
- <sup>13</sup> Almeida, S. L. (2018). *O que é Racismo Estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento.